

Concepções de estudantes do ensino médio acerca de conceitos relativos à sexualidade humana

Paulo Vitor Alves Ribeiro¹

Nicole Cristina Machado Borges²

Vanessa Fonseca Gonçalves³

Resumo: Neste trabalho, buscou-se conhecer, comparar e discutir as concepções de estudantes de diferentes séries do Ensino Médio sobre termos tangentes à sexualidade humana, tais como: sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual. Foram aplicados questionários com questões sobre os temas aos estudantes. Constatou-se que a parte dos estudantes têm conhecimentos amplos sobre os temas, apesar de muitos não queres responder o questionário. Essa realidade coloca a necessidade para os docentes e as escolas lidarem de forma mais humanizada e acolhedora com as diversidades e diferenças humanas.

Palavras chave: Diversidade sexual, Identidade de gênero, Educação sexual.

1 Doutorando em Ecologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), paulovitorbio@gmail.com;

2 Mestranda em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), nicolecristinam@gmail.com

3 Professora da Escola de Educação Básica (ESEBA) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vanessa.goncalves@ufu.br

Introdução

A sociedade brasileira tem vivido nos últimos anos, momentos de transições e de transformações nos paradigmas de comportamentos sexuais e afetivos. No entanto, ao mesmo tempo em que convivemos com uma diversidade sexual cada vez mais rica e menos estereotipada, os preconceitos se mantêm e até se reforçam em atitudes intolerantes, discriminatórias e violentas provenientes de determinadas pessoas, grupos e instituições conservadoras, impedindo que as sexualidades e os gêneros sejam discutidos abertamente e de forma ampla (BORTOLINI, 2008; TRENTIM & VIEIRA, 2019).

Entre estes conflitos, a escola se torna o lugar ideal para debates e desconstrução de preconceitos, uma vez que esta pode ser o único local no qual estudantes se sintam confortáveis para lidar com estas questões, pois é na escola que os sujeitos humanos se encontram e lidam com suas expressões e experimentações (SILVA, 2014; TRENTIM & VIEIRA, 2019). No entanto, a escola pode ser considerada um espaço de controle e disciplinamento dos corpos, sexualidades e gêneros, e que docentes são educados a vigiar corpos de alunos e alunas, sendo que estes podem sofrer restrições tanto na maneira de como se vestem quanto no modo como portam e conduzem seus gestos corporais (SILVA, 2014).

Assuntos relacionados à diversidade sexual e de gênero têm sido constantemente debatidos na mídia, por meio de novelas, programas, filmes, comerciais e etc., sobretudo para o público jovem, o que tem feito estudantes levarem tais temas para as escolas. Porém, o que é evidenciado na mídia, nem sempre é suficiente para combater estereótipos e pensamentos sexistas, machistas e LGBTfóbicos (DINIS, 2008). Desta maneira, destaca-se a importância que a escola, professores e professoras têm na construção do respeito e da tolerância às diferenças, na aceitação e inclusão daqueles estudantes que se veem a par da sociedade. No entanto, será que a escola do atual estudo discute estes temas com seus estudantes? Qual a visão que os jovens apresentam a cerca destes temas? Estas visões carecem de conhecimentos, ou não? A partir disso, os objetivos deste estudo consistiram em conhecer e comparar as concepções de estudantes de diferentes séries do Ensino Médio frente a conceitos relacionados à sexualidade humana por meio de questionários discursivos.

Materiais e Métodos

Em dezembro de 2015 foram escolhidos 30 estudantes de uma Escola Estadual em Uberlândia, Minas Gerais, com faixa etária de 15 a 17 anos, sendo 10 de cada série (1º a 3º ano do Ensino Médio). A técnica de investigação utilizada neste estudo consistiu na aplicação de questionários anônimos, pois é uma ferramenta que coleta dados da realidade (CHAER et al., 2011), além de garantir o anonimato das respostas e permitir que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente (GIL, 1999).

Para elaborar o questionário, foram seguidos alguns critérios, como: enviar uma nota explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas (MARCONI & LAKATOS, 1999) e formular perguntas de maneira clara, concreta e precisa, e que não sugere respostas (GIL, 1999). De acordo com Chaer et al. (2011), as perguntas podem ser classificadas em abertas ou fechadas. No atual estudo optamos por realizar perguntas abertas, pois segundo os mesmos autores, as perguntas abertas permitem liberdade ilimitada de respostas e trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador. Dessa forma, as questões elaboradas foram as seguintes:

1. O que você compreende pelo termo "sexo biológico"?
2. O que você compreende pelo termo "identidade de gênero"?
3. O que você compreende pelo termo "orientação sexual"?
4. Na sua visão, quais são as diferenças entre as possibilidades de sexualidades humanas (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade e assexualidade)? Você se identifica com alguma delas?
5. As pessoas podem ser cisgêneras (cis) ou transgêneras (trans). O que você entende desses conceitos? Você se considera cis ou trans?
6. Nós, seres humanos (*Homo sapiens*), podemos nascer fêmeas, machos ou intersexuais. No entanto, não nascemos homens ou mulheres, nos tornamos. Você concorda com isso? Explique de forma crítica e coerente, o porquê.

Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa, pois de acordo com Minayo e Sanches (1993), ambas as abordagens são necessárias e em algumas circunstâncias são complementares, como é o caso do presente estudo. Para realizar as análises das respostas, primeiramente, recorreremos a critérios qualitativos, os quais auxiliaram a interpretar o

conteúdo dos discursos dos sujeitos, e posteriormente, foram utilizados critérios quantitativos para organizar os dados através de variáveis numéricas. Sendo assim, foram criados quatro parâmetros para a análise qualitativa:

- Responderam de acordo com o significado atual do conceito (De acordo);
- Aproximaram-se do significado atual do conceito (Aproximaram);
- Não responderam de acordo com o significado atual do conceito (Não de acordo);
- Não responderam ou não souberam responder (Não responderam);

Para fundamentar a análise, com base na literatura, consideramos que: sexo biológico é o conjunto de características fenotípicas e genotípicas que constituem machos, fêmeas e intersexuais. Identidade de gênero é construída pelos sujeitos a partir de elementos culturais, caracterizando no sentimento que o indivíduo tem de ser homem ou mulher. Cis são pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer. Trans são pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado. Orientação sexual é a atração afetiva e/ ou sexual que os indivíduos vivenciam, podendo ser classificadas em homossexualidade (atração por pessoas do mesmo gênero), heterossexualidade (atração por pessoas do gênero oposto), bissexualidade (atração por pessoas dos gêneros masculino e feminino), pansexualidade (atração afetiva e/ou sexual independente da identidade de gênero do outro), assexualidade (ausência de atração sexual, mas pode haver atração afetivo-romântica) (BRASIL, 2010; JESUS, 2012).

Resultados e Discussão

Com relação ao número total de estudantes amostrados (tabela 01), podemos perceber que a maioria não respondeu ou não soube responder as questões propostas pelo questionário. De certa forma, de 30 questionários distribuídos, 12 retornaram em branco. Mas, quais serão as razões para que um número considerável de estudantes não tenha respondido um questionário? Segundo Chaer et al. (2011), quando há um grande número de questões, os investigados podem se sentir desestimulados a participar da pesquisa. Assim, pode ser que os estudantes tenham se sentido desta maneira, uma vez que a percepção de ser demasiado ou não varia entre pessoas. No entanto, é possível que a temática abordada tenha sido um dos fatores que culminou na ausência significativa de respostas, considerando que a escola é vista como um espaço de controle e disciplinamento dos

corpos, sexualidades e gêneros (SILVA, 2014). Desta forma, é provável que determinados estudantes não responderam o questionário, devido a vergonha ou a culpa de se exporem a um conteúdo cercado de tabus impostos pela sociedade, pois de acordo com Trentim e Vieira (2019, p. 206):

“A escola e a família deixam “marcas” na criança e no adolescente, pois moldam seu caráter no que tange aos aspectos éticos e morais, bem como a maneira de compreender e interagir com o mundo”.

Tabela 01: Análises dos questionários respondidos por estudantes do Ensino Médio (n=30)

Questões: conceitos/termos	De acordo	Aproximaram	Não de acordo	Não responderam
Questão 01: sexo biológico	9 (30%)	1 (3,3%)	3 (10%)	17 (56,6%)
Questão 02: identidade de gênero	10 (33,3%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	16 (53,3%)
Questão 03: orientação sexual	6 (20%)	2 (6,7%)	6 (20%)	16 (53,3%)
Questão 04: diferentes possibilidades de sexualidades humanas	17 (56,6%)	0	1 (3,3%)	12 (40%)
Questão 05: cisgênero e transgênero	9 (30%)	2 (6,7%)	3 (10%)	16 (53,3%)
Questão 06: “Não se nasce mulher/homem, torna-se”.	9 (30%)	0	6 (20%)	15 (50%)

Na tabela acima, podemos notar que a questão que os estudantes conseguiram melhor responder, foi a que aborda as diferentes possibilidades de sexualidades humanas (quarta questão). Dessa forma, percebe-se que conceitos como heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade estão aparentemente claros para a maioria dos estudantes, o que pode estar relacionado com o fato de que a diversidade sexual tem sido um tema constante na mídia (DINIS, 2008). Em contra partida, a questão que mais apresentou erros conceituais, foi a terceira, a qual perguntava a definição de orientação sexual. A maioria confundiu com identidade de gênero ou disse que se tratava de opção:

“É a forma como a pessoa se sente homem ou mulher”.

“Acho que é quando a pessoa escolhe o sexo depois de crescida.”

“É a opção sexual que a pessoa escolhe.”

Sabemos que orientação sexual é a atração afetivo-romântica e/ou sexual que os indivíduos vivenciam. Portanto, é um equívoco afirmar que se trata de uma opção, pois não depende de escolhas conscientes e nem pode

ser aprendida (BRASIL, 2010). Porém, se há erros ou confusões conceituais e, sobretudo desconhecimento dos significados de determinados termos, podemos estimar que tais temas não estão sendo abordados na formação escolar destes jovens. Entretanto, de acordo com Silva (2014), a educação brasileira tem sido convocada ao diálogo sobre gênero e orientação sexual desde o final dos anos 90 através de documentos curriculares produzidos após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

Segundo Ribeiro (2012): "(...) é preciso considerar a experiência escolar como fundamental para que tais conceitos se articulem, ao longo dos processos em que noções de corpo, gênero e sexualidade, entre outras, são socialmente construídas e introjetadas". No entanto, é nítido que a maioria das escolas decide adotar uma posição omissa em relação a estes temas, pois de acordo com Louro (2004), as políticas escolares são alvo da atenção de setores conservadores, na tentativa de regular e orientar estudantes dentro dos padrões considerados "moralmente" são.

A última questão proposta no questionário tratou-se de uma adaptação da renomada proposição de Simone de Beauvoir: "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher." A maioria (50%) não respondeu ou não sabe responder. No entanto, 30% disseram que concordavam com a frase, e 20% não concordavam. Embora saibamos que ninguém "nasce homem ou mulher", mas que nos tornamos o que somos ao longo da vida, em razão da constante interação com o meio social (BRASIL, 2010), muitas pessoas utilizam argumentos embasados erroneamente na Biologia para ir contra a este conhecimento, como foi observado nas respostas de alguns estudantes:

"Não concordo, pois na minha opinião, a pessoa é homem ou mulher de acordo com a genética."

"Não concordo, pois estudos afirmam que os seres vivos se definem em seu desenvolvimento embrionário."

De acordo com Laqueur (2001), esta forma de pensar, utilizando a Biologia para justificar "o que é homem ou o que é mulher", foi cunhada no final do século XIX por Patrick Geddes, biólogo que utilizou a fisiologia celular dos gametas para explicar o "fato" de as mulheres serem "mais passivas, conservadoras, indolentes e variáveis", uma comparação infeliz com a condição fisiológica do óvulo. Além disso, com estas respostas, pudemos notar que parte dos estudantes apresentam confusões conceituais ou desconhecimento dos significados dos termos, pois sabemos que "homem e mulher" referem-se a construções socioculturais, enquanto que os atributos

biológicos são os responsáveis pelo sexo dos indivíduos, o que é diferente de gênero. Ao desconhecerem tais temas, os estudantes podem estar susceptíveis a falta de compreensão e aceitação de si próprios e dos outros, pois segundo Trentim e Vieira (2019 p. 209-10):

“Sexualidade/gênero é um assunto de extrema importância para o autoconhecimento do indivíduo e também para o respeito à diversidade”. (...) “Ao não se ensinar e discutir a temática sobre gênero com a criança e o adolescente eles irão aprendê-la de forma preconceituosa e praticarão chacotas com os outros”.

Tabela 02: Análises dos questionários respondidos por estudantes do 1º ano do Ensino Médio (n=10)

Questões: conceitos/termos	De acordo	Aproximaram	Não de acordo	Não responderam
Questão 01: sexo biológico	2 (20%)	0	0	8 (80%)
Questão 02: identidade de gênero	2 (20%)	0	0	8 (80%)
Questão 03: orientação sexual	2 (20%)	0	0	8 (80%)
Questão 04: diferentes possibilidades de sexualidades	4 (40%)	0	0	6 (60%)
Questão 05: cisgênero e transgênero	3 (30%)	0	0	7 (70%)
Questão 06: “Não se nasce mulher/homem, torna-se”.	3 (30%)	0	0	7 (70%)

Tabela 03: Análises dos questionários respondidos por estudantes do 2º ano do Ensino Médio (n=10)

Questões: conceitos/termos	De acordo	Aproximaram	Não de acordo	Não responderam
Questão 01: sexo biológico	2 (20%)	0	2 (20%)	6 (60%)
Questão 02: identidade de gênero	2 (20%)	1 (10%)	2 (20%)	5 (50%)
Questão 03: orientação sexual	2 (20%)	1 (10%)	3 (30%)	5 (50%)
Questão 04: diferentes possibilidades de sexualidades	6 (60%)	0	1 (10%)	3 (30%)
Questão 05: cisgênero e transgênero	2 (20%)	1 (10%)	2 (20%)	5 (50%)
Questão 06: “Não se nasce mulher/homem, torna-se”.	1 (10%)	0	4 (40%)	5 (50%)

Tabela 04: Análises dos questionários respondidos por estudantes do 3º ano do Ensino Médio (n=10)

Questões: conceitos/termos	De acordo	Aproximaram	Não de acordo	Não responderam
Questão 01: sexo biológico	5 (50%)	1 (10%)	1 (10%)	3 (30%)
Questão 02: identidade de gênero	6 (60%)	1 (10%)	0	3 (30%)
Questão 03: orientação sexual	2 (20%)	1 (10%)	3 (30%)	4 (40%)
Questão 04: diferentes possibilidades de sexualidades	7 (70%)	0	0	3 (30%)
Questão 05: cisgênero e transgênero	4 (40%)	1 (10%)	1 (10%)	4 (40%)
Questão 06: "Não se nasce mulher/homen, torna-se".	5 (50%)	0	2 (20%)	3 (30%)

Nas três tabelas acima (Tabela 02, 03 e 04), estão exibidos os dados obtidos em cada série. Podemos observar que o 1º ano foi a série com o maior índice de estudantes que não responderam ou que não souberam responder, enquanto que o 3º ano teve o menor índice. Com relação aos outros parâmetros estabelecidos, observamos que no 3º ano houve o maior número de respostas que se enquadraram nos parâmetros "de acordo" e "aproximaram". No 2º ano houve o maior número de respostas que se encaixaram no parâmetro "não de acordo", enquanto que no 1º ano, nenhuma resposta analisada se encaixou neste parâmetro. Além disso, durante a análise dos questionários, notamos, de forma geral que as respostas dos estudantes do 3º ano foram as mais elaboradas e com a menor ocorrência de desconhecimento dos termos ou de ausência de respostas. Dessa forma, podemos supor que a faixa etária e/ou a série dos estudantes podem influenciar nos conhecimentos acerca destes termos.

Com relação aos dados obtidos nas questões que perguntavam a orientação sexual e identidade de gênero dos estudantes (Tabela 05), pode-se notar que a maioria não respondeu ou não soube responder qual sua orientação sexual (56,6%), assim como sua identidade de gênero (66,6%). Dos que responderam, a maioria se considerou como heterossexual e cisgênero (33,3% em ambos). No entanto, é intrigante o fato de que a maioria não saiba ou não queira responder qual sua orientação sexual e identidade de gênero. Levando em consideração que a escola pode controlar as experimentações e vivências de sexualidades e de gênero dos sujeitos, como discutido anteriormente, podemos supor que os estudantes podem não estar confortáveis para expor, mesmo que de forma anônima, o que sentem e como se identificam. Além disso, deve-se levar em consideração a bagagem familiar que cada estudante trás consigo, a qual pode estar constituída de discursos religiosos e morais que possivelmente os oprimem.

Tabela 05: Diversidade sexual manifestada por estudantes do Ensino Médio (n=30; n=10 em cada série).

Séries	Orientação sexual						Identidade de gênero		
	Hetero	Homo	Bi	Pan	Assexual	Não responderam	Cis	Trans	Não responderam
1º ano	3 (30%)	0	0	1 (10%)	0	6 (60%)	3 (30%)	0	7 (70%)
2º ano	4 (40%)	0	0	0	0	6 (60%)	3 (30%)	0	7 (70%)
3º ano	3 (30%)	2 (20%)	0	0	0	5 (50%)	4 (40%)	0	6 (60%)
Total	10 (33,3%)	2 (6,7%)	0	1 (3,3%)	0	17 (56,6%)	10 (33,3%)	0	20 (66%)

Considerações finais

Neste trabalho foi possível notar que parte dos estudantes têm conhecimentos amplos sobre os temas, apesar de muitos não quererem responder o questionário. Essa realidade coloca a necessidade para os docentes e as escolas lidarem de forma mais humanizada e acolhedora com a diversidade e a diferença, uma vez que os jovens demonstram estar com um grau de consciência e discernimento elevado sobre alguns conceitos básicos referentes à sexualidade. No entanto, deve-se ressaltar que muitos professores e professoras gostariam de trabalhar tais temas, mas temem repressões e silenciamentos devido ao conservadorismo crescente nos últimos anos. Desta forma, é preciso que os professores e professoras se unam para contornar esta problemática e pressionar os poderes públicos para que as discussões de gênero e sexualidade façam parte do currículo obrigatório da Educação Básica de forma interdisciplinar para que possamos formar cidadãos respeitosos com a diversidade humana e com a pluralidade de pensamentos.

Referências

BORTOLINI, A. **Diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: diversidades sexuais**, 2010. 57p.

CHAER, G. et al. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação Social**, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. 42p.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade. O "normal", o "diferente" e o "excêntrico"**. In: LOURO, G. L., NECKEL, J. F. & GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, v. 9, p. 239-262, 1993.

RIBEIRO, M. D. Gênero e diversidade sexual na escola: sua relevância como conteúdo estruturante no ensino médio. **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL**, v.1, n.2, 2012.

SILVA, E. P. Q. Sexualidade, gênero e corpo no contexto de políticas de educação no Brasil. **Exedra: Revista Científica**, n. 1, p. 26-45, 2014.

TRENTIM, R. H. S.; VIEIRA, T. R. Educação inclusiva pela igualdade de oportunidades: debate sobre gênero e sexualidade na escola. **Akrópolis**, v. 27, n. 2, p. 205-215, 2019.